



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'Matrizes Culturais. Notas para Um Estudo da Era Vitoriana', de Iolanda Freitas Ramos]

Teresa Pinto Coelho

Para citar este documento / To cite this document:

Teresa Pinto Coelho, "[Recensão crítica a 'Matrizes Culturais. Notas para Um Estudo da Era Vitoriana', de Iolanda Freitas Ramos]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 259-260.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

desprender-se do comportamento dos estudantes, para se fixar na própria juventude da nação. Que *Crónicas Americanas*, optando por não escamotear os problemas, escolha frequentemente fazer a apresentação destes aspetos mais positivos dos Estados Unidos diz muito da atenção conferida ao real por Eduardo Mayone Dias e da sua abertura para se surpreender com essa mesma sociedade, que felizmente para o leitor se materializam na capacidade de transmitir o fascínio pela diferença cultural.

Ricardo Vasconcelos

---

## ENSAIO

Iolanda Freitas Ramos

MATRIZES CULTURAIS

NOTAS PARA UM ESTUDO DA ERA

VITORIANA

Lisboa, Edições Colibri / 2014

Inspirando-se no título da obra de T. S. Eliot, *Notes Towards the Definition of Culture, Matrizes Culturais. Notas para Um Estudo da Era Vitoriana* adota o conceito «notas» de duas formas. Como clarifica a autora: por um lado, não se trata de um estudo exaustivo; por outro, refere-se à grande quantidade de notas bibliográficas que incentivam a leitura de muitas obras que, estando fora de circulação, apenas podem ser consultadas na Internet.

O volume está dividido em cinco partes. A primeira consiste numa introdução histórica e cultural sobre a Era Vitoriana apresentando uma panorâmica dos estudos existentes sobre a mesma. Destaca-se, desde logo, uma das temáticas que percorrem a obra: o orgulho na prosperidade e, simultaneamente, a inquietação crítica com os efeitos dessa mesma prosperidade, como sejam a perda de valores sociais e morais.

Esta é uma das «matrizes», para utilizar uma das palavras do título, que caracterizam a sociedade vitoriana, assente em dualidades, que muito têm sido apontadas e analisadas pelos críticos. Eu diria, antes, complementaridades (o que conduziria a outro tipo de discussão). Estas podem ser encontradas na sociedade atual, também ela caracterizada por crises de valores. Na verdade, como anunciado logo no início, o estudo apresentado procura traçar uma linha de continuidade entre o passado e o presente prolongando a reflexão até aos dias de hoje. Aí reside um dos seus méritos.

Após esta Introdução, encontramos um segundo capítulo dedicado à evolução dos paradigmas políticos e ideológicos, com uma explicação sobre o sistema partidário e centrado, como não poderia deixar de ser, em Gladstone e Disraeli. Este capítulo analisa também o desenvolvimento da ideologia socialista mostrando por que é que a Grã-Bretanha não enveredou pela via radical — ou não enveredou na época; já o havia feito antes, ao contrário da França —, mas pela via reformista.

O capítulo III, intitulado «Axiomas da Sociedade Industrializada», é devotado ao debate social e cultural em torno da denominada «*condition of England question*». Divide-se em dois subcapítulos: «O Evangelho da Riqueza» e «A Felicidade da Maioria». É aqui versada a teorização económica, sendo fornecidos amplos esclarecimentos terminológicos e conceptuais, como, por exemplo, «liberalismo económico», «utilitarismo», «capitalismo», «*gentleman*», «*self-help*».

O capítulo IV debruça-se sobre o debate ético e intelectual e analisa alguns aspetos da intervenção artística e literária. As interrogações sobre o progresso, a denúncia do materialismo, as críticas à maquinaria, o questionar dos efeitos da revolução industrial por parte de muitos dos pensadores da época são aqui analisados, mostran-

do-se como os vitorianos se criticavam a si mesmos. Assim, este capítulo centra-se em vozes discordantes: Pré-Rafaelitas, esteticistas e decadentistas, a literatura social.

O último capítulo atualiza a investigação trazendo-a para os dias de hoje. A reflexão aqui efetuada faz a ligação entre o passado e o presente, tal como anunciado, versando o legado vitoriano, do qual se apresentam vários exemplos: os Jubileus, a noção de crise na Grã-Bretanha dos anos 90, os filmes de época (com a dupla Merchant-Ivory), a exaltação dos Pré-Rafaelitas — através da organização de exposições que pretendem colocar a Era Vitoriana na origem da Grã-Bretanha moderna —, o Neovitorianismo, o legado do império. Ao ler, lembrei-me logo de Margaret Thatcher e da Guerra das Falkland, ou, antes, das Malvinas, para não utilizar a denominação inglesa/eurocêntrica.

Toda a argumentação é apoiada num amplo aparelho teórico e numa vasta bibliografia, que permite ao leitor pesquisar as várias temáticas abordadas. Na era da Internet, onde se pode encontrar miríades de informação, é salutar ter um livro de síntese onde a encontramos coligida e sistematicamente organizada.

É ainda de elogiar o índice remissivo, muito útil e, diria, indispensável, o que é, infelizmente, com frequência ignorado em muitas das publicações portuguesas.

Depois de ler o livro, pensei que seria interessante interrogarmo-nos sobre algumas questões: qual a razão do fascínio dos portugueses pela Era Vitoriana? Esse fascínio existia já no século XIX junto de autores que bem a conheciam, como Eça de Queirós, que viveu em Inglaterra durante catorze anos, Ramalho Ortigão, ou Oliveira Martins, que apenas a visitaram. É de notar que existia também por parte de franceses e de americanos.

Atento observador e ávido leitor da imprensa inglesa, Eça também concluiu que

os vitorianos se criticavam a si mesmos. Como escreve no artigo que, em fevereiro de 1890, publica na *Revista de Portugal* sobre o Ultimatum inglês:

Quem mais grandemente do que os escritores de Inglaterra tem flagelado os vícios da Inglaterra? Quando mal findava a literatura inglesa do século XVIII, limitada, conservadora, respeitosa e insular — logo um poeta surge, o maior dos seus poetas, que da Itália onde o levava o tédio da sua pátria, austeramente pedante e mercantilmente egoísta, a cobre de maldições e de sarcasmos. E depois de Byron e de Shelley, a legião dos acusadores segue, implacável e genial. É Dickens (para citar os mais populares) ridicularizando as suas instituições; é Thackeray revelando com fria ferocidade todo o seu convencionalismo social e maculando-a com o nome que lhe ficou de *country of snobs*; é Carlyle com clamores de profeta, fulminando o seu egoísmo, o seu mercantilismo, o seu materialismo: é Ruskin acabrunhando de ironias a grossa materialidade da sua civilização: é Arnold acusando-a da sua insipidez, do seu azedume, da sua aspereza: é ainda toda uma coorte de publicistas, de panfletários, de ensaístas, de artistas, de caricaturistas, fulminando o seu pietismo, o seu *cant*, a sua hipocrisia, a sua desumanidade...

Como as vozes discordantes em Inglaterra, Eça também regista com furor as desigualdades sociais da Inglaterra vitoriana, retrata, sem peios, o *underworld* da prostituição e do crime *versus* a respeitabilidade, critica o capitalismo e a pobreza, elogia a superioridade das instituições e escreve sobre a Irlanda. Disraeli e o imperialismo também não escapam à sua pena certa e aguçada.

Porém, muitas destas são preocupações finisseculares partilhadas além-Mancha, pela França, também atingida pelo al-